

## *Capítulo I*

Tenho os dedos vazios

(Quignard, 1996)

## **I – Pulsão de morte: O além freudiano**

### **1.1- O conceito psicanalítico**

Desde a introdução da pulsão de morte na teoria psicanalítica se instalou – no mesmo instante da construção do conceito – um lugar de interrogação. O conceito de pulsão de morte não produziu um efeito de fechamento do campo teórico que seria obtido a partir de um consenso e um único sentido na sua tradução. Ao contrário, foi sob os efeitos dessa interrogação que muitos analistas se colocaram a trabalho. Lembremos que a palavra “sentido”, como nos indica o dicionário, na sua vertente substantivada, aponta para as idéias de direção, orientação e rumo (sentido como travessia, através de) e, também, para acepção e significação. Assim, talvez possamos nos perguntar quais os rumos – destinos -- tomados pelo conceito psicanalítico de pulsão de morte? Qual a acepção desse conceito em diferentes momentos da teoria? E, a partir de que pressupostos podemos trabalhar a idéia de que um mesmo conceito tome rumos tão distintos?

Essas questões, colocadas dessa maneira comportam, nelas mesmas, um problema fundamental. Conceito, do ponto de vista metodológico, aponta para uma definição, uma maneira de compreender (conter em si; incluir; alcançar os sentidos) um dado, tornando-o audível e, de certa forma, definindo um campo teórico. Entretanto, o mesmo conceito psicanalítico submetido à leitura de autores distintos ganha contornos diferentes, ainda que todos eles estejam inseridos no campo teórico da Psicanálise. Isso que poderia ser um contra-senso, do ponto de vista acadêmico e metodológico, é o que confere ao conceito psicanalítico sua especificidade. Juan Ritvo<sup>1</sup> ao

---

<sup>1</sup> Conferência publicada na revista da Escola da letra freudiana, n 21, 2000.

analisar o conceito de letra na obra de Lacan, aponta para o paradoxo presente na estrutura do conceito psicanalítico. A argumentação que esse autor levanta, e que nos interessa aqui, é justamente sobre essa especificidade. Para ele seria necessário dizer que “conceito em psicanálise não é conceito metodológico, acadêmico, ou que o conceito psicanalítico distancia-se do que é conceito em nível de discurso acadêmico”. Isso porque a construção do conceito psicanalítico leva em conta, ou melhor, sofre os efeitos da trama do inconsciente. “Dizendo de outra forma, nosso discurso é, pelo menos parcialmente, isomorfo à formação do inconsciente” (RITVO, 2000, p. 10), e estrutura-se em torno de um equívoco fundamental permitindo que o trabalho de retranscrição e tradução siga na sua trilha. O inconsciente não está colocado de fora no trabalho com o texto, seja ele conceitual ou não. Não há parcialidade inconsciente nesse caso, como se pudéssemos acreditar na pretensa ilusão de que, ao trabalhar um texto teórico, estivéssemos dispensados dos seus efeitos. Ao contrário, o leitor escreve a partir dos efeitos que um texto tem sobre ele. E mais, escreve a partir dessa experiência com o texto original.

Além disso, “o que os conceitos tocam de verdade para-além de sua extensão abstrata não pode ter outro teatro a não ser o que é oprimido, desprezado, rejeitado pelos conceitos”<sup>2</sup>. O que parece ser imune ao conceito é, na verdade, recuperado por ele. Se a função do conceito é fazer um recorte preciso na experiência, esse recorte, no entanto, não elimina os paradoxos. Diante disso, abrem-se duas vias de trabalho: uma que busca explicar o paradoxo e superá-lo através do conceito (ciclo vicioso?); outra que opera com os conceitos mantendo os paradoxos, numa linha tênue e tensa.

---

<sup>2</sup>Fragmento do livro de Adorno. *Dialética negativa*. Madrid: Taurus, 1975. p.19. Citado e trabalhado por Gilson Iannini no texto “Witz, lógica e poesia” (texto inédito), durante uma aula na disciplina Metodologia de pesquisa em psicanálise (UFMG).

Se levarmos em consideração essa idéia a respeito do conceito psicanalítico, podemos ampliá-la no que diz respeito às leituras que outros teóricos realizaram e os seus efeitos. Tomemos o conceito de pulsão, mais especificamente a pulsão de morte, tal como elaborado por Freud no texto de 1920, como o texto original. Texto inaugural que se entrega às múltiplas leituras, em que cada uma delas busca afastar do texto original as impressões, os rastros de traduções precedentes, que porventura tiraram o texto de sua trilha. Lembremos de Laplanche e Lacan e do trabalho empreendido na tentativa de “devolver Freud a Freud” ou, ainda, do “retorno a Freud”. Essas duas referências nos dão a medida do esforço desses teóricos de se manterem próximos ao texto original, fiéis à gramática da língua estrangeira sem, contudo, desprezar a dinâmica inconsciente que mobilizava o trabalho. Por outro lado, essa mesma língua estrangeira à qual desejavam permanecer fiéis exige uma tradução a cada leitura, num movimento que implica a relação que se estabelece entre o texto e o leitor, a língua original e a tradução.

No *Além* freudiano encontramos um *além* do trabalho de Freud que nos envia, obstinadamente, para o próximo capítulo, lugar em que, finalmente, será nomeada a pulsão de morte. Como se pudéssemos escutar a voz de Freud nos dizendo: os sonhos nas neuroses traumáticas, a brincadeira do *fort da*, não, será preciso seguir ainda mais um pouco a trilha do texto acompanhando os argumentos que o autor lança para, em seguida, refutar. Um *além* que aponta, então, para um movimento um pouco mais tardio, para além do primeiro e do segundo capítulo e assim, até que no final do livro, Freud nomeia, enfim, a pulsão que funciona para além do princípio do prazer e com a qual estava às voltas desde o texto “Sobre o narcisismo: uma introdução” (1914). O *além* está sempre num ponto depois, ponto esse que não se esgota com as últimas citações dos versos do poeta: “ao que não podemos chegar voando, temos de chegar

manquejando. O livro diz-nos não é pecado claudicar” (FREUD, 1920, p. 75)<sup>3</sup>. Se há um *Além do princípio de prazer* há, por outro lado, um *além* da pena freudiana. Um através do texto, que o atravessa num sentido sempre outro e insuspeitado.

O *Além do princípio de prazer* revela o trabalho de Freud e seu esforço ao tentar “arranjar” (uma criação que pode ser bem organizada, ou que se arranja ajuntando coisas dispersas, mantendo, assim, o paradoxo) um conceito que pudesse escrever essa outra língua que surgia na clínica. Uma língua com uma gramática definida, mas desconhecida que, ao se apresentar, revelava o ponto em que a interpretação, instrumento do trabalho analítico, encontrava seu limite. Nesse sentido, o *Além* pode ser tomado como o texto original para aqueles que assumiram os riscos de sua leitura e tradução – um além do texto Freudiano --, mas para Freud esse texto talvez já se apresentasse como uma tentativa de traduzir aquilo que estava *além* e que se anunciava, na escuta de sua clínica, como um ruído silencioso. Que língua é essa que chamamos aqui de “outra”, ruidosa?

## **1.2- Na trilha da pulsão de morte: o percurso freudiano**

No artigo “Recordar, repetir e elaborar” (1914), Freud retoma as alterações que a técnica psicanalítica sofreu ao longo dos anos. Desde a hipnose, o objetivo era o de tornar consciente o momento do trauma que pudesse revelar os elementos que se arranjavam para compor a trama sintomática. Recordar era, então, ainda que por vias distintas, o objetivo do trabalho. Enquanto na

---

<sup>3</sup> Neste trabalho utilizaremos duas traduções dos textos freudianos: a *Edição brasileira das obras completas* (ESB) organizada por Jayme Salomão e com comentários e notas de James Strachey, publicada pela editora Imago, 1996, e a edição organizada por Luiz Alberto Hanns, publicada pela mesma editora. Para facilitar a busca do leitor, todas as vezes que utilizarmos citações da publicação organizada por Hanns indicaremos através da sigla LH. Para as citações retiradas da edição organizada por Jayme Salomão a referência será esta que se encontra imediatamente antes desta nota.

hipnose o paciente deveria recordar e ab-reagir, com a associação livre, essa recordação era proporcionada pelo trabalho de interpretação das resistências. O foco também não era mais o momento específico do trauma, mas tudo o que se achava na “superfície da mente”. O analista comunicava ao paciente as resistências que funcionavam como entrave ao trabalho de recordação, para que ele pudesse vencê-las e, assim, vincula-las às lembranças esquecidas. Diferente da hipnose, a nova técnica exigia um trabalho do paciente: o de superar as resistências para recordar, repetir (como uma outra maneira de lembrar) e elaborar. Freud nos revela que o objetivo destas técnicas diferentes era, descritivamente falando, “preencher lacunas na memória”; e dinamicamente, “superar resistências devido à repressão” (FREUD, 1914, p. 163).

Ao contrário da hipnose, que suprimia as resistências e impedia que o analista percebesse as forças psíquicas em jogo, o novo dispositivo analítico favorecia o surgimento das mesmas forças que conduziram à formação do sintoma. Quer dizer, aquilo que poderia ser considerado um “entrave ao tratamento”, e contra o qual a análise deveria “lutar”, era o que a livre associação das idéias provocava. A resistência é trazida para a cena analítica e o novo método começa pela análise dos entraves à evocação da lembrança. O que Freud nos aponta nesse texto é que há um limite para a recordação. O paciente não recorda tudo o que foi esquecido. A resistência que trabalhou para favorecer o recalque, num tempo anterior, é agora convocada para evitar a rememoração das idéias recalçadas. Ao invés de recordar o que estava esquecido, o paciente reproduz não como lembrança, mas como ação. A repetição desse material que deveria ser recordado mantém relações estreitas com a resistência. Ou seja, “quanto maior a resistência, mais a atuação substituirá o recordar” (FREUD, 1914, p. 166). Se levarmos em consideração que o trabalho analítico não elimina a resistência, como sublinhado acima, a repetição não pode ser evitada nem desprezada dentro desse novo dispositivo. Para Freud o repetir é “induzido” no

tratamento analítico, e implica a atuação de fragmentos e impressões de acontecimentos passados, que não sofreram o trabalho de tradução empreendido pelo psiquismo. Esse material permanece sob os domínios do recalque e, ao invés de retornar como lembrança esquecida e assim preencher as lacunas da memória, ele é colocado em ato:

O paciente não recorda coisa alguma do que esqueceu e reprimiu, mas expressa-o pela atuação. Ele o reproduz não como lembrança, mas como ação. Repete, sem, naturalmente, saber que está repetindo (FREUD, 1914, p. 165).

Essa atuação obedece a uma compulsão à repetição. Freud nos esclarece que a compulsão à repetição substitui o impulso a recordar, o que nos indicaria que o paciente repete como forma de não recordar. Entretanto, nesse mesmo texto Freud diz que, por vezes, não é possível ao paciente fugir a esta compulsão à repetição, e, no final, “compreendemos que esta é a sua maneira de recordar” (FREUD, 1914, p. 166). Repetir, então, como uma forma de recordar, seria a maneira de ter acesso ao material recalado, pela via da transferência. A compulsão à repetição aparece relacionada, nesse artigo, à insistência do retorno do recalado. Quer dizer, retorno daquilo que havia sido “esquecido”, mas que, no entanto, operava por detrás dos bastidores fornecendo as imagens para a formação dos sintomas. A repetição desse material tinha, na proposta metapsicológica, a função de reescrever as representações recaladas numa outra tópica e dentro de uma economia que não feria a lógica do princípio do prazer.

Para as lacunas na memória, deixadas pelo esquecer, o trabalho seria o de recordar. Entretanto, a evocação da lembrança nem sempre é possível e o esforço no sentido da recordação, às vezes, não é bem sucedido. Repetir, então, parece ser um modo de recordar. Essa maneira de recordar

teria o “sentido de um ganho de saber relativo ao recalçado” (BERNARDES, 2003, p. 54), ou se recuperarmos a idéia de tradução, um certo modo de traduzir aquilo que está inscrito como tentativa de transpor para uma outra língua e, assim, inseri-lo numa cadeia de significação.

O trabalho do psiquismo age por entre esses três tempos: o recordar, o repetir -- como uma maneira de recordar -- e o elaborar -- como uma tentativa de traduzir as representações que foram recalçadas. O trabalho de recordar está ligado ao esquecimento. Esquecer impressões, cenas ou experiências, nos dirá Freud (1914), é “quase sempre interceptá-las”. Então, aquilo que deveria chegar à consciência tem o trânsito interrompido. Essas impressões que caem no esquecimento são quase sempre experiências que ocorreram na infância e que não puderam ser traduzidas. O que chamamos de “experiência” aqui, são traços, marcas, impressões, significantes -- uma voz, um ruído, um silêncio, uma sensação, um olhar -- que foram inscritos no corpo da criança e não puderam ser significadas naquele tempo. Para Pontalis (1988), “como a sexualidade, a linguagem chega ao “homenzinho” cedo demais ou tarde demais; como aquela *perturba* o vivo” (p. 144). Perturba o vivo porque instaura um trabalho incessante de tradução, em que “os significantes são re-ordenados seguindo novas relações, numa tecelagem que não deixa de ser uma re-escrita” (CARVALHO, 2003, p. 147). Perturba o vivo porque, se o trabalho de tradução parece ser imanente à experiência, ela guarda, paradoxalmente, o seu ponto de resíduo intraduzível.

Freud considerava que através da repetição era possível se ter acesso às representações que haviam sido recalçadas. E mais, que pela via da transferência era possível substituir a repetição pela recordação. O paciente precisava familiarizar-se com a resistência que indicava o caminho tanto para o recalçado, quanto para a repetição, para elaborá-la e superá-la.

A partir das reações repetitivas exibidas na transferência, somos levados ao longo dos caminhos familiares até o despertar das lembranças, que aparecem sem dificuldades, por assim dizer, após a resistência ter sido superada (FREUD, 1914, p. 170).

Freud já havia dito que o objetivo da técnica analítica era preencher lacunas na memória através do trabalho de superar resistências (FREUD, 1914, p. 163). Se o próprio dispositivo da análise favorecia o aparecimento da resistência, o manejo da transferência visava à vitória da rememoração sobre a repetição. A transferência era o “*playground*” no qual se apresentava tudo aquilo que estava oculto na mente do paciente. Criava uma região intermediária, uma doença artificial, acessível à intervenção analítica. A “neurose comum” era substituída por uma “neurose de transferência” e, assim, o analista podia fornecer um novo significado aos sintomas. O trabalho analítico consistia em interpretar a resistência nesse terreno transferencial, quer dizer, trazer à luz aquilo que estava nos fundamentos dos conflitos defensivos e comunicá-lo ao paciente. O analista, através do trabalho da interpretação, restabelecia os laços entre representação e afeto que haviam sido desfeitos pela ação do recalque, na tentativa de incluí-los numa cadeia de sentido. Então, esperava que aquilo que estava sendo atuado no registro da transferência pudesse ser restituído ao “domínio psíquico”. Freud nomeia a neurose de transferência como doença artificial, visto que ela é o artifício exigido pela análise num tempo de trabalho e elaboração psíquica. Artifício que, ao criar uma região intermediária entre a doença e a vida real, torna possível a intervenção analítica.

Tomemos novamente a expressão que dá nome ao artigo freudiano: “Recordar, repetir e elaborar”. Tomemos a expressão assim: Recordar, repetir *e* elaborar. Ao fazer saltar o *e* da frase-título, essa conjunção, que funciona como liga nessa sentença, aponta para duas funções

interessantes: a primeira do *e* em consequência; a segunda do *e* como mais, *e ainda*. O trabalho de elaboração (*Durcharbeitung*) aparece como uma consequência do movimento de recordar e repetir, ou de repetir como forma de recordar. Uma consequência que parece estar inscrita num tempo depois daquele do repetir, como se repetir e elaborar fossem dois movimentos de um mesmo trabalho. Ou ainda, como se o próprio trabalho de elaborar implicasse o ato mesmo de repetir.

Lembremos que o termo *Durcharbeiten* é composto pela locução prepositiva *durch* que corresponde a “através de”<sup>4</sup>, indicando a direção de um movimento, e *arbeiten* que corresponde ao verbo trabalhar. Diante disso o que temos é *um trabalho através de*, num insistente “repetir, repetir, até ficar diferente”<sup>5</sup>. Esse trabalho através da repetição, esse trabalho atravessado e que atravessa um certo modo de funcionamento repetitivo até que algo possa ficar diferente, recupera a segunda função da conjunção *e* que indicamos acima. Um *e* que indica um mais, um pouco mais.

Laplanche (2001) propõe o termo “perlaborar” como tradução de *Durcharbeiten*. Para esse autor, a “perlaboração” seria “um terceiro termo em que viriam se juntar os outros dois” – recordar, repetir e “perlaborar”. “Efetivamente a perlaboração é justamente uma repetição, mas modificada pela interpretação, e por isso suscetível de favorecer a libertação do sujeito dos seus mecanismos repetitivos” (LAPLANCHE, 2001, p. 340). Nossa intenção não é a de discutir a tradução desse verbo, mas de apontar um deslocamento presente no título do artigo que nos revela um movimento de passagem implícito ao trabalho analítico. Não podemos nos esquecer de que era do

---

<sup>4</sup> HANNS, Luiz. *Dicionário comentado do alemão de Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 198.

<sup>5</sup> BARROS, Manoel. *O livro das ignoranças*. Rio de Janeiro: Record, 2007.

contexto ou do que acontece em uma análise que esse texto se propunha a tratar. E mais, tratar através da forma infinitiva dos verbos que implicam um trabalhar e “re-trabalhar” algo<sup>6</sup>, um *trabalhar através de*. Um trabalhar que atravessa os verbos.

Essa dimensão do *através de*, como uma insistente tentativa de editar o mesmo, revela a experiência cotidiana da análise. Para Freud (1914), a partir da repetição exibida na cena transferencial e do confronto do sujeito com as moções pulsionais que alimentavam a resistência, era possível chegar às lembranças recalçadas e, assim, restituir ao domínio psíquico aquilo que resvalava para a esfera motora. O fato de tomar conhecimento da resistência não indicava que uma mudança tivesse sido operada. Era preciso seguir ainda um pouco na “ádua tarefa” de elaboração das resistências para que um certo deslocamento subjetivo pudesse acontecer. Na verdade, era justamente isso que distinguia o tratamento analítico de qualquer tipo de tratamento de sugestão.

Antes de seguirmos o rumo deste texto, é preciso recuperar uma expressão deixada acima: *e ainda*. Colocada na seqüência dos termos que indicam uma função para a conjunção *e*, presente no título do artigo freudiano, o *e (mais) ainda* poderia ter permanecido como recurso poético. Entretanto, a sua retomada é importante para abriremos caminhos rumo a um *além* freudiano. Não somente o *além* de um princípio que ordena o funcionamento psíquico apresentado em 1920, mas um *além* que aponta para o próprio trabalho analítico. Segundo Pontalis (1991) “a repetição, a verdadeira repetição, no sentido freudiano, que a transferência provoca, é o que escapa à representação, à cena representada e figurada, e à série de ensaios que precedendo-a, a

---

<sup>6</sup> Talvez pudéssemos nos aventurar e dizer que esse trabalhar e re-trabalhar (verbos, sempre no infinitivo!) são o “como” freudiano. Quer dizer, o modo de trabalho empreendido por Freud na clínica e na escrita desta. Um “como” que indica o objeto de estudo: aquele que trabalha, re-trabalha, trança, retrança. E mais, o seu método.

permitiram” (PONTALIS, 1991, p. 91). A estranheza desta citação no contexto a que se refere o artigo de 1914 deve, certamente, saltar aos olhos. Até aqui, acompanhamos as idéias freudianas referentes ao trabalho da repetição e elaboração das resistências e as suas relações com o recalçado. Ao recalçado inconsciente Freud atribuía a compulsão à repetição colocando a resistência ao lado das forças que antes haviam contribuído para o recalque. É justamente diante dessa configuração teórica que Pontalis argumenta que a verdadeira repetição, no sentido freudiano, é o que escapa aos domínios da representação e aos limites da cena representada e figurada. Por qual caminho descarrilado nos lança essa citação deixada acima?

Talvez pudéssemos fazer uma pergunta ao texto de Pontalis na tentativa de encontrar os argumentos com os quais esse autor trabalha. O que é isso que resiste à rememoração, que atravessa um insistente repetir, e torna necessário um trabalho de elaboração, *e (mais) ainda?* Trata-se de algo novo, algo velho, ou algo novo feito com algo velho, prosa laboriosa do que foi ou intensidade do que vem? É Pontalis que nos responde: “esse essencial que se recusa à memória, à lembrança, (...) que se repete, age-se na paixão, e, logo, não acontecera, não encontrara seu lugar psíquico. Ensaia-se, portanto, sem texto” (PONTALIS, 1991, p. 93-95). Pontalis nomeia esse algo como “acontecimento real” e esclarece que é realmente um acontecimento que põe fim à representação, pois não aconteceu outrora. Ocorre agora, advém no ato mesmo de repetir. “Estranho fenômeno”, nos diz esse autor, “em que se conjugariam repetição e primeira vez”. É nesse deserto que essa citação nos lança. Um deserto que indica um ponto do trabalho analítico que parece resistir aos arranjos da tessitura significante e que aponta para a insistência e a intensidade de um corpo pulsional que dita os infinitos arranjos subjetivos.

No artigo intitulado “Psicanálise, corpo e *setting*”, Nelson Coelho Júnior (2000) nos diz que neste espaço desértico, “o corpo pulsional passaria a ocupar um lugar de destaque na situação analítica, em uma relação que se estabelece muito mais através de intensidades do que através de representações”. Diante desse corpo pulsional, que segue uma cadência intensiva, a expressão *e (mais) ainda* indicaria o trabalho diante daquilo que não evolui, não desenvolve, não se reduz. Se no “Recordar, repetir *e* elaborar” indicamos um trabalho de passagem que atravessa o tempo indicativo dos verbos, deixamos agora o *e* escorregar da frase-título para nos indicar um trabalho *a mais*, um trabalho *além*.

Indicamos que Freud parece ter sido perturbado no seu trabalho clínico pelos rumores de uma língua pulsional que resistia diante do percurso de um trabalho analítico. Dissemos, acima, da presença de um corpo pulsional que insiste seguindo uma cadência própria, quer dizer uma língua definida. Como trabalhar a idéia de uma língua pulsional como um sistema, um conjunto que tem um funcionamento próprio e que, ao ser confrontada com um outro sistema, uma outra língua, não pode compartilhar da mesma gramática, e esse deserto de um corpo pulsional intensivo? Como pensar um corpo pulsional como esse “lugar de batalha em que a vida faz o perigoso jogo de cavar saídas na versatilidade do intolerável” (ORLANDI, 2004, p. 15)? Como pensar o trabalho de tradução e transposição que visa essa intensidade de um corpo pulsional, mas que, no entanto, não a elimina? E mais, como enlaçar, de um lado, o trabalho de tradução de um conceito e, de outro, o trabalho do analisando no percurso em que ele tromba<sup>7</sup> com esse irreduzível pulsional? Deixamos esses elementos desarticulados, ou pior, os aproximamos assim,

---

<sup>7</sup> Insistimos na escolha desse verbo – trombar – ainda que ele pareça inadequado para um texto de dissertação. É verdade que dentro da variedade de opções que nos fornece a língua portuguesa poderia ter optado por termos menos impactantes, como encontrar, revelar, etc. Qualquer um desses apontaria para a idéia apresentada acima, mas não no seu aspecto chocante e vigoroso. Trombar, como palavra que choca, nos fornece justamente a força de um encontro com essa intensidade irreduzível da pulsão.

apressadamente, na intenção de retomá-los ao longo desta dissertação. É justamente sob os efeitos dessas questões que este texto está sendo escrito e, se “lançamos essas questões na linha da correnteza sem ainda puxá-las, é para que como bons pescadores possamos deixar o peixe engordar e só depois de sentirmos aquele puxãozinho fisgá-lo como a uma idéia na ponta da linha” (WOOLF, 1928, p. 10).

### 1.3- Um trabalho e um limite

Retomemos o artigo de 1914 para avançarmos nas discussões a respeito do conceito de pulsão de morte. Partindo dos argumentos, retirados do texto freudiano, “seríamos levados à conclusão de que o que se repete, pela via da atuação, é inteiramente passível de ser rememorado e que só não o é devido à resistência do princípio do prazer” (BERNARDES, 2003, p. 56). De acordo com Bernardes (2003), se assim fosse, Freud não seria conduzido ao *Além do princípio do prazer* e nem teria definido a resistência nesse registro. Porém, antes de chegarmos às formulações de 1920 é preciso lembrar um “detalhe”<sup>8</sup> do texto freudiano que nos fornece os argumentos para aquilo que apontamos acima como sendo “um trabalho e um limite”.

Ainda no seu texto “Recordar, repetir e elaborar” encontramos uma observação a respeito do repetir e do recordar que nos aponta a trilha daquilo que será desenvolvido no livro *Além do princípio do prazer* (1920) e no *O ego e o id* (1923). O recordar não está relacionado apenas àquilo que foi propriamente esquecido. Acontece com frequência “ser recordado algo que nunca

---

<sup>8</sup> Essa expressão é de Angela Bernardes. A autora a emprega para apontar a indicação lançada no artigo de 1914 – “Recordar, repetir e elaborar” – a respeito de um material que se coloca em ato na cena transferencial, mas que não foi de modo algum esquecido e as suas conseqüências no desenvolvimento das idéias a respeito da compulsão à repetição para além dos limites do princípio do prazer. BERNARDES, Angela. *Tratar o impossível: a função da fala na psicanálise*. Rio de Janeiro: Gramond, 2003. p. 56.

poderia ter sido esquecido, porque nunca foi, em ocasião alguma, notado” (FREUD, 1914, p. 164). Freud não tinha formulado a segunda tópica e o novo dualismo pulsional, apesar de considerarmos que aqui ele nos fornece elementos para pensar o que mais tarde chamará de pulsão de morte.

A compulsão à repetição aparece nesse texto ligada ao trabalho de duas coisas distintas: primeiro ao trabalho de retorno de lembranças que haviam sido esquecidas e que mesmo esquecidas agem “à maneira de um corpo estranho que, muito tempo depois de sua interrupção, continua a desempenhar um papel ativo” (FREUD, 1893, p. 50 ); segundo ao retorno de algo que nunca poderia ter sido esquecido porque nunca foi notado. Quais as relações que podemos estabelecer entre o recalçado e o notado?

Essa passagem é a única do texto freudiano que nos indica, ainda que nas entre-linhas, a presença de uma força pulsional que dá o tom à resistência e à compulsão a repetição. Até aqui, acompanhamos a resistência do *eu*, que a serviço do princípio do prazer, barra o retorno do recalçado e a insistência deste em se fazer apresentar pelas vias da repetição. De fato, Freud não utiliza o termo recalçado ao tratar das “lembranças” que nunca foram esquecidas. Ao invés disso, apresenta uma relação curiosa entre o esquecer e o notar, ou entre o não esquecido e o não notado. Entre aquilo que nunca poderia ter sido esquecido por não ter sido jamais notado, mas que, no entanto, apresenta-se em ato, quer dizer, incita à repetição. Essa formulação nos deixa a impressão de que Freud vislumbrava a exigência de um trabalho na passagem dessa pulsão como força ao registro da representação. Um trabalho que pode ou não se realizar, como apontamos acima. Nesse mesmo texto Freud afirma que esquecer impressões, cenas ou experiências é, quase sempre, interceptá-las. O esquecido aqui refere-se a uma memória que mesmo não notada no

momento do trabalho analítico apresenta traços e mantém relações estreitas com as lembranças encobridoras.

O esquecer torna-se ainda mais restrito quando avaliamos em seu verdadeiro valor as lembranças encobridoras que tão geralmente se acham presentes. Em certos casos, tive a impressão de que a conhecida amnésia infantil, que teoricamente nos é tão importante, é completamente contrabalanceada pelas lembranças encobridoras (FREUD, 1914, p. 164).

É após esta argumentação das relações entre o recalçado, o esquecido, e aquilo que insiste em repetir como ato na transferência, que Freud apresenta um outro grupo de processos psíquicos e a sua relação com o esquecer e o recordar. Não é difícil, ainda que pareça precipitado, associar a “algo que nunca foi notado” aquilo que não tentou o acesso à consciência e, portanto, não sofreu a ação do recalque. O esquecido, repetimos, aparece ligado ao recalçado e isso não somente nesse artigo de 1914, Freud havia revelado essa relação desde o seu *Estudos sobre a histeria* (1893-95). Por isso, não nos parece improvável que esse “detalhe” do texto freudiano faça ressoar aquilo que será desenvolvido mais tarde. Freud nos diz que alguma coisa é recordada, quer dizer, repetida sem, no entanto, ter sido esquecida. Para o repetir ligado ao recalçado, o trabalho do lado do analista era o da interpretação da resistência e, do lado do analisante, a elaboração do material que surgia na cena transferencial. Uma elaboração que deveria passar pelo registro da experiência com o inconsciente, uma experiência sob transferência, que implicava num confronto do sujeito com as moções pulsionais que alimentavam a resistência. O segundo grupo de lembranças estaria ligado não ao recalçado, mas a uma intensidade pulsional que resistia ao trabalho de interpretação do psiquismo. Uma intensidade que age e imprime no corpo um modo de funcionamento que o sujeito “desconhece”. Esse algo nunca notado estaria no domínio das pulsões de morte. Essa

classe pulsional não é descrita com este nome nesse texto, recebendo a denominação de “instintos indomados” (FREUD, 1914, p. 169), termo que Freud recupera em 1920.

Em sua tese de doutorado<sup>9</sup>, Angela Bernardes esquematiza, a partir das categorias lacanianas de Real e simbólico, as duas vertentes que estão entrelaçadas na atuação transferencial daquilo que o paciente não evoca pela lembrança. A atuação (*Agieren*) seguiria uma via que retorna pelas próprias leis do simbólico e que mantém, assim, suas conexões com o recalcado, e uma outra que aponta para o Real<sup>10</sup>, que está para *além* do campo da representação simbólica. Para essa autora “esta é a verdadeira função da repetição na experiência da transferência que não aparece com clareza no artigo de 1914. Só em 1920 Freud estará em condições de teorizá-la como repetição de algo da ordem do traumático” (BERNARDES, 2003, p. 56). O que aparece por essa via é o aspecto pulsional da resistência ligada à compulsão. Freud estava interessado naquilo que resistia ao trabalho analítico, que parecia impor-lhe os limites. Como campo de intensidades, o pulsional seria traumático, porque a força pulsional não é assimilada ao universo significante, irrompendo como um corpo estranho que não obedece ao princípio do prazer.

Toda a formulação a respeito do recalque, da transferência e da interpretação não desaparece da cena teórica com a introdução das idéias a respeito da pulsão de morte. A construção desse conceito passa pelas vias do que Freud havia apontado como estando sob os domínios do recalque. Não apenas este texto – “Recordar, repetir e elaborar” -- em que a repetição está

---

<sup>9</sup> Tese de doutorado apresentada ao programa de pós-graduação da UFRJ no ano de 2000 e publicada sob o título: *Tratar o impossível: a função da fala na psicanálise*. Rio de Janeiro: Garamond, 2003.

<sup>10</sup> A palavra está grafada com letra maiúscula por se tratar do Real na concepção laciana. A concepção de Real em Lacan será discutida no terceiro capítulo, mas usaremos a letra maiúscula todas as vezes que o Real se referir à noção laciana.

relacionada à resistência e ao recalçado, mas também no “Estranho”<sup>11</sup> (1919) Freud descreve o retorno de algo estranho, mas familiar sob a rubrica do recalque.

Entretanto, nesses dois textos aparecem figuras que apontam para um funcionamento de algo que não sofreu a ação do recalque e que, no entanto, imprimem um outro modo de cadência ao funcionamento psíquico. Esses vestígios do texto freudiano nos revelam “a diferença entre o esquecimento que conserva e arquiva, e o verdadeiro inesquecível. A diferença entre o estranho que se torna familiar – por suas conexões com o recalçado (...) – e o familiar imemorial, que sempre foi estranho, porque nunca foi esquecido” (PORTUGAL, 2006, p. 254).

Anunciei acima o recordar, repetir e elaborar como um trabalho e um limite. Um trabalho visto que o repetir, como maneira de recordar, aponta para a tentativa de inscrever uma determinada força num registro simbólico, fazendo vacilar o seu caráter de estranheza que age e fornece o compasso – ou o descompasso – do funcionamento psíquico. E um limite da eficácia simbólica visto que há uma intensidade pulsional que parece romper com os limites de uma gramática pré-estabelecida, com os limites da própria representação. Esse “detalhe” do texto freudiano só nos permite apontar para um limite porque nos conduz à sua formulação de 1923. É no livro *O ego e o id* que esse autor nos revela, numa passagem que parece ser também um detalhe<sup>12</sup>, que “temos de ficar gratos se pudemos achar um representante da evasiva pulsão de morte” (FREUD, 1923,

---

<sup>11</sup> Na Edição *Standard* Brasileira das obras completas de Freud, Strachey esclarece ter optado pelo termo ‘*uncanny*’ para traduzir *Unheimlich*, literalmente, ‘*unhomely*’ (que não é doméstico, caseiro, o que não é simples, rude). Segundo o editor das traduções para o inglês o ‘*uncanny*’ não é um equivalente exato do alemão. A isso segue um comentário do tradutor para o português esclarecendo que “no repertório de adjetivos que se apresentam em português a escolha por ‘estranho’, para traduzir o ‘*uncanny*’ inglês, ainda que possa ser vago, indefinido e impreciso, o que aponta para uma vastidão na aplicação desse termo na língua, esse termo é preferível a qualquer outro”. Pelo fato de ser ele o único capaz de “combinar as conotações da área semântica de fantástico, misterioso e sinistro (...) com as da área assinalada pelo inglês ‘*unhomely*’ (Freud, 1919, p. 237). Neste texto usaremos *Unheimlich* ou ‘estranho’ nas referências ao texto e ao termo freudiano.

<sup>12</sup> Agradeço a Prof. Ana Cecília de Carvalho o trabalho de encontrar e apontar esse detalhe do texto freudiano.

p. 55). Segundo Birman (1991), essa temática de uma pulsão evasiva e silenciosa, apresentada no *Além do princípio do prazer*, e, excessiva e transbordante, apresentadas logo depois em *O Ego e o id*, aponta para aquilo que é irreduzível ao registro da simbolização. Ainda para esse autor a pulsão de morte estaria se movimentando num espaço de não circulação de significados, e a não-inscrição é o que conferiria a ela o seu caráter repetitivo.

É justamente esse aspecto sem representação, disso que deveria passar despercebido, mas que produz um rumor, um burburinho por vezes inquietante, que incita o trabalho de tradução<sup>13</sup> do psiquismo, “perseguido um alvo que parece estar sempre fora do alcance” e traduzindo a partir de um ponto de não-inscrição. Uma tradução que exigiria a criação de uma forma na tentativa de inscrever e “ligar essa pulsionalidade num sistema de representação” (BIRMAN, 1991, p. 231). Se o trabalho do aparelho psíquico é o de traduzir essa intensidade pulsional, construir uma gramática para inseri-la no espaço de circulação de significados, isso não se faz sem resto. É com o funcionamento dessa pulsão que Freud se depara na clínica e é a partir do barulho que ela provoca que ele segue em seu texto.

#### **1.4 – Além do princípio do prazer**

Até a introdução do conceito de pulsão de morte, que nos permite pensar em um para-além da representação, o pensamento freudiano girava em torno da necessidade de tornar consciente a representação inconsciente. Como se todo o material inconsciente pudesse voltar à consciência pelo fato de já ter estado lá. É a partir de 1920 que Freud passa a privilegiar a idéia de que há no

---

<sup>13</sup> Tradução e interpretação aparecem confundidas nesse tempo do texto (é assim que aparecem no texto freudiano), mas serão trabalhadas posteriormente.

inconsciente algo que nunca esteve disponível à consciência, estando disperso. É nesse sentido que podemos formular a idéia de que a pulsão de morte implica a impossibilidade de reduzir o pulsional ao campo das representações.

Antes porém, do texto *Além do princípio de prazer*, texto que inaugura o segundo dualismo pulsional -- entre vida e morte --, Freud parecia convencido de que existia no inconsciente um material recalçado que insistia em retornar, fazendo-o sob forma de repetição involuntária. Em seu artigo “Recordar, repetir e elaborar”, Freud (1914) trabalha a partir da idéia de que em certos casos, durante o curso de uma análise, o paciente não recorda coisa alguma do que esqueceu, quer dizer, do que foi recalçado. Ao contrário, ele o reproduz não como lembrança, mas como ação; “repete-o, sem, contudo, saber que o está repetindo.” (FREUD, 1914, p. 165). Esse fenômeno de repetição provoca, indubitavelmente, uma sensação estranha, impondo-nos a idéia de algo fatídico e inescapável. A dimensão trágica começa a se configurar pois a ação consciente do sujeito não garante uma proteção contra esse material que insiste em se fazer apresentar pelo ato da repetição. O *eu* -- apresentado em 1923 no livro *O ego e o id* -- como instância que busca mediar as exigências de uma realidade interna com as possibilidades disponíveis no mundo externo, parece impotente diante da predominância, no inconsciente, de uma compulsão à repetição.

Por que isso, que aparece como repetição, deixa um rastro de estranheza? Como pensar a economia psíquica diante de uma compulsão à repetição que lança o sujeito nos domínios de algo estranho, num *além* do princípio de prazer? Vamos percorrer a trilha deixada por Freud, na tentativa de esclarecer estas questões.

Freud (1919) inicia o texto *Das Unheimliche* curioso por saber “que núcleo comum é esse que nos permite distinguir como *estranhas* determinadas coisas que estão dentro do campo do que é amedrontador” (FREUD, 1919, p. 238). O estranho é aquilo que produz espanto e medo apesar de remeter ao que é conhecido e há muito familiar. Para Freud (1919) nem tudo que é novo, e, portanto, não familiar é experimentado como assustador. O novo pode tornar-se facilmente assustador e estranho, mas não somente pelo fato de ser novo. Para se tornar estranho é preciso que algo se acrescente ao novo. O estranho não é, seguramente, o não familiar, mas aquilo que nos inquieta, que se apresenta como sinistro, terrível, demoníaco. *Unheimlich* é o nome de tudo aquilo que deveria ter permanecido secreto e oculto, mas veio à luz.

*Unheimlich* é o oposto de *Heimlich*; enquanto o uso do primeiro termo refere-se àquilo que é estranho e não familiar, o segundo remete àquilo que é familiar e agradável, mas também ao que está oculto e se mantém fora do campo de visão. Da idéia de familiar, desenvolveu-se a idéia de algo afastado dos olhos, escondido e secreto. Assim, chegamos ao uso que Freud fez dessa palavra: “da natureza secreta do estranho, pode-se compreender por que o uso lingüístico estendeu *das Heimlich* – doméstico, familiar – para o seu oposto, *das Unheimliche*” (FREUD, 1919, p. 258). O estranho não é o novo, mas algo que é familiar e há muito presente no psiquismo, mas que foi excluído, permanecendo escondido a partir do recalçamento e, ao retornar involuntariamente, provoca o sentimento de estranheza. Assim, o familiar, ao retornar, ganha o aspecto de estranho, de não familiar.

É possível reconhecer no inconsciente a predominância de uma compulsão à repetição, procedente das moções pulsionais, poderosa o bastante para prevalecer sobre o domínio do

princípio de prazer. Para Freud (1919) essa insistência da repetição, que é percebida como estranha, empresta a determinados processos psíquicos o seu caráter demoníaco. Se retomarmos o conceito de pulsão e seus destinos talvez possamos esclarecer um pouco acerca desse material responsável pela compulsão à repetição

O recalque foi descrito por Freud (1915) como um dos destinos da pulsão. Entretanto, ele não age tão soberanamente, já que uma certa quantidade do afeto ligado ao representante pulsional parece escapar à sua ação. Essa quantidade de afeto é transformada em angústia<sup>14</sup>, e a presença desse material no interior da tópica, circulando de forma desligada das representações, insiste em se apresentar. Isso que deveria estar recalcado e retorna estaria na categoria de coisas assustadoras que constitui o estranho.

Ainda no texto “O estranho” Freud (1919) problematiza a questão ao dizer que: “pode ser verdade que o estranho (*Unheimlich*) seja algo que é secretamente familiar (*Heimlich*), que foi submetido ao recalque e depois voltou (...). Mas, continua ele, “nem tudo o que evoca desejos recalcados e modos superados de pensamento, que pertencem à pré-história do indivíduo e da raça, é por causa disso estranho”. O recalque talvez não seja a única condição para o estranho retorno de alguma coisa. Freud (1914) havia anunciado que o grupo de processos psíquicos – entendidos como puramente internos – e a sua relação com o esquecer, o recordar e o repetir, deveria ser considerado sob outros ângulos. Segundo ele, acontece com muita frequência ser

---

<sup>14</sup> Na edição inglesa das obras completas de Freud *Angst* é traduzida por ansiedade. Para Hanns o termo *Angst* em alemão significa “medo, abarcando desde os sentimentos de temor e receio até os sentimentos de pânico e pavor, podendo referir-se a objetos específicos ou inespecíficos”. A tradução desse termo por angústia remete à idéia de aflição intensa, inquietação, sofrimento por não poder agir, tormenta. Neste trabalho estaremos traduzindo o termo *Angst* por angústia em função do uso dessa palavra em português se aproximar daquilo que Freud procura evocar em seus textos. HANNNS. 1996, p. 62-71.

recordado algo que nunca poderia ter sido esquecido, porque nunca foi notado, nunca foi consciente. Isso que nunca foi esquecido, por não ter sido, de modo algum, notado, refere-se às pulsões indomadas que insistem em afirmar-se ainda que, para isso, alguma instância psíquica tenha que ceder.

No livro *Além do princípio de prazer*, Freud nos fornece os elementos para trabalhar a idéia de que o inconsciente não é apenas o lugar do recalado, mas também a casa assombrada onde a pulsão circula livremente, escapulindo dos domínios do recalque e persistindo na insistente busca por satisfação. Freud mantém a idéia do retorno de algo sentido como estranho, apesar de familiar, ainda que não condicionado ao recalque. Isso porque essa pulsão compulsiva que busca, através da repetição, a possibilidade de se fazer representar no interior da tópica, é familiar ao psiquismo, pois esteve presente desde as suas origens, e, ao retornar, parece-lhe estranha em função do seu caráter de irrepresentabilidade. Se o inconsciente continua trabalhando para recobrir e disfarçar o que é recalado o conceito de pulsão de morte surge como uma noção necessária para abarcar aquilo que não é redutível ao campo das representações. O psiquismo tenta indicar diferentes destinos para a pulsão, no esforço de dominá-la, seguindo uma ordem que leva em consideração o princípio de prazer. Mas, para a pulsão de morte, o único destino possível é a descarga total, um certo aniquilamento da tensão, que desconsidera totalmente o princípio que parecia manter o aspecto econômico do aparelho.

### 1.5 – Pulsão de morte: a mais conservadora das pulsões

Até o texto de 1920, o princípio de prazer era considerado o único princípio regulador do inconsciente, ou pelo menos, o princípio soberano. Qualquer ameaça que pudesse retirar o aparelho psíquico de um estado de equilíbrio mantendo a quantidade de excitação, dentro de um nível ao menos constante<sup>15</sup>, levava à ação desse princípio. Sob a influência das pulsões do *eu*, ao princípio de prazer foi acrescentado o princípio de realidade. Este efetua um adiamento da satisfação, pois leva em consideração as exigências do mundo externo, protegendo o *eu* de um aumento exagerado de tensão em função de uma busca sem medida por satisfação da pulsão.

Se o adiamento da satisfação produz, por um lado, uma diminuição da excitação dentro da instância destinada a mediar mundo externo e interno, por outro lado, aumenta a excitação

---

<sup>15</sup> O princípio de constância está na base da teoria econômica do aparelho psíquico formulada por Freud. Regulado por esse princípio o aparelho psíquico procuraria manter a nível mais baixo, ou pelo menos constante, a quantidade de excitação que contém. O aumento exagerado das excitações ou a sua diminuição brusca seria sentida pelo psiquismo como desprazerosa. Em alguns momentos da obra Freud parece equivaler o princípio de constância ao princípio de nirvana (esse seria a tendência a zero). Essa equivalência entretanto não parece ser justificada. Segundo Laplanche e Pontalis (2001) o princípio de nirvana deve ser considerado fundamental e os outros seriam modificações desse. No *Além do princípio do prazer* (1920) o princípio de constância é apresentado como o fundamento econômico do princípio de prazer. Embora a relação que se estabelece entre prazer e desprazer possa ser bastante subjetiva. Um aumento de tensão pode não ser sentido necessariamente como desprazeroso da mesma forma que o prazer pode não traduzir a diminuição da tensão. Há entre o princípio de prazer e o princípio de constância “uma relação que não pode ser reduzida a uma pura e simples equivalência (LAPLANCHE e PONTALIS, 2001, p. 355)”. Segundo esses autores em alguns momentos da obra freudiana o princípio de constância se confunde com o princípio de prazer apontando para a função de manutenção da tensão num nível que é sentido pelo aparelho como sendo ótimo. Entretanto, o princípio de prazer também é associado a uma redução radical das tensões ao nível mais baixo possível. Passagens do *Projeto para uma psicologia científica* e *Além do princípio do prazer* apontam para essa oposição entre o princípio de constância e o princípio de prazer. Isso pelo fato de que sob a manutenção do princípio de constância o aparelho psíquico tenderia à ligação da energia, enquanto o princípio de prazer ao seu escoamento livre. Essa formulação faz com que Freud se indague se o princípio do prazer não estaria a serviço da pulsão de morte. Para Laplanche e Pontalis a questão da existência de “um além do princípio do prazer” só pode ser definida a partir das argumentações freudianas em que o princípio do prazer está, de certa maneira, confundido com o princípio de constância ou ao menos tem como seu fundamento econômico a constância. No artigo “O problema econômico do masoquismo” (1924) Freud apresenta o princípio do prazer como o representante das exigências da libido e, a sua modificação pelo princípio de realidade, representa as influências do mundo externo. Esse ponto é importante porque de certa forma esclarece as relações entre o princípio do prazer e o princípio de constância. Além de diferenciá-lo do princípio de nirvana.

daquilo que deseja satisfazer-se. Essa busca por satisfação desconsidera o princípio de realidade, à medida que encontra, em caminhos substitutivos, um outro modo de satisfação causando um aumento da excitação que é sentida pelo *eu* como desprazerosa. Essa idéia explica, em parte, a relação entre prazer e desprazer, mas está segundo Freud “muito longe de abranger a maioria de nossas experiências desagradáveis” (FREUD, 1920, p. 21). Ainda que modificado pelo princípio de realidade, o princípio de prazer parece dominar a atividade do aparelho psíquico.

Freud (1920) busca no estudo dos sonhos das neuroses traumáticas e na brincadeira de uma criança de 18 meses os elementos para operar com a idéia de que alguma coisa, que parece ser extremamente desagradável, insiste em se fazer repetir desconsiderando um princípio que trabalha para evitar o desprazer e, desse modo, o aumento da excitação dentro do aparelho psíquico. Os sonhos que ocorrem nessas neuroses possuem a característica de repetidamente trazer o paciente de volta à situação traumática. Parece contraditório que isso que deveria permanecer “esquecido” e oculto, retorne nos sonhos provocando, novamente, a situação de susto. Sem abrir mão da formulação de que os sonhos são realizações de desejos, Freud aponta para o caráter masoquista do *eu*. Apesar de não explorar essa idéia nos textos que estamos percorrendo, Freud (1914) apresenta o *eu*, agora incluído no circuito da libido, como uma instância que não está livre de conflitos. Com os argumentos do texto de 1914 e aqueles apresentados em 1923 – *O ego e o id* – reconhecemos o caráter extremamente punitivo do *eu*, por guardar em sua origem algo que é da ordem pulsional, e que permaneceu inconsciente. É a partir do *eu* que se desenvolve uma instância que o castiga, justamente por conhecer sua origem pulsional. No artigo “O Estranho”, Freud investiga no fenômeno do “duplo” um movimento em que o *eu* identifica-se com o objeto de amor, que agora se afasta, como um modo de se proteger

de uma possível fragmentação, garantindo sua imortalidade. “Há uma duplicação, uma divisão e um intercâmbio do *eu*” (FREUD, 1919, p. 252), como defesa contra a extinção. A idéia de duplo não desaparece ao passar o narcisismo primário, pois recebe novo significado nos estágios seguintes do desenvolvimento do *eu*.

Através da atuação desse outro *eu* -- que em 1923 recebe o nome de *supereu* -- em sua dimensão de aliado da pulsão de morte no masoquismo, podemos encontrar uma das formas possíveis da manifestação da pulsão em seu aspecto destrutivo. Para Freud, quando o *supereu* é tomado por uma sexualidade regressiva e encontra uma satisfação masoquista do *eu*, através da crueldade, a satisfação pulsional implica uma degradação moral. Esse duplo do *eu* tem, agora, a função de observar e de censurar, transformando-se em um estranho “anunciador da morte”<sup>16</sup> (FREUD, 1919, p. 252).

Saindo do campo da neurose traumática e entrando no que ele chama de “funcionamento empregado pelo aparelho em suas primeiras atividades *normais*”<sup>17</sup> (FREUD, 1920, p. 24), Freud examina a brincadeira de uma criança buscando os motivos econômicos empreendidos nesse ato. A brincadeira consistia em um jogo de lançar para longe um objeto, nesse caso um carretel com um pedaço de cordão amarrado em volta, fazendo-o desaparecer, e, em seguida, trazendo-o de volta. A esse movimento associava-se a emissão de um som constituído por duas sílabas – *fort* (ir embora) e *da* (ali). Para Freud essa brincadeira simbolizava o desaparecimento e o reaparecimento da mãe e o primeiro ato era, incansavelmente repetido, como um jogo em si

---

<sup>16</sup> Ver em FREUD: “O Estranho” (1919); *O ego e o id* (1923); “O Problema econômico do masoquismo” (1924).

<sup>17</sup> Grifo do autor.

mesmo. Assim, ao repetir uma experiência desagradável – a partida do objeto amado – a criança assume um papel ativo nessa relação. Agora é ela quem manda embora esse objeto e pode, à revelia deste, trazê-lo de volta. Há nesse gesto um esforço de dominação que atua independentemente de a lembrança, em si mesma, ser desagradável ou não. Outro ponto destacado por Freud é o fato de que, ao jogar longe o objeto, esse menino poderia satisfazer ao impulso, suprimido da vida real, de vingar-se da mãe por ter se afastado dele.

A repetição dessa experiência desagradável não ignora o princípio de prazer pois traz consigo uma produção de prazer de outro tipo. A partir do ato de lançar para longe e trazer de volta um objeto, a criança parece situar a experiência desprazerosa, dando a ela um novo sentido. Apesar do resultado desta operação ser a produção de prazer, “uma produção mais direta” (FREUD, 1920, p. 27), não deixa de ser paradoxal que antes de se chegar a esse resultado seja preciso passar novamente pela experiência angustiante do início.

A compulsão à repetição daquilo que está recalcado causa desprazer ao *eu* que sob a influência do princípio de prazer busca evitar o desprazer que seria produzido pela liberação do recalcado. No entanto, o que é desprazer para um sistema, pode ser, inversamente, prazer para o outro. Há, portanto, dois lados de uma mesma moeda e a balança parece girar ora para um lado, ora para outro. Entretanto, a compulsão à repetição também “rememora do passado, experiências que não incluem nenhuma possibilidade de prazer e que nunca trouxeram satisfação para nenhuma das instâncias psíquicas” (FREUD, 1920, p. 31). Apesar disso, são repetidas sob a pressão da compulsão, numa perpétua recorrência da mesma coisa, que ultrapassa o princípio de prazer. Dominado por essa compulsão, o sujeito parece render-se a um destino fatídico, sendo compelido

a expressar-se por uma repetição das mesmas experiências terríficas. A essa compulsão podemos relacionar os sonhos que ocorrem nas neuroses traumáticas e o impulso que leva as crianças a repetirem experiências desprazerosas, ainda que uma certa satisfação pulsional esteja associada a ela. Mas por que o psiquismo é compelido a repetir, num movimento de retorno, alguma coisa que não traz nenhum prazer?

Para Freud (1920) o funcionamento do aparelho psíquico deve sempre levar em conta as forças que atuam no interior e exterior. Em relação aos estímulos externos esse aparelho pode se resguardar contra um aumento das excitações que incidem sobre ele. Mas, quando essas excitações vêm do interior do próprio aparelho, não há escudo para protegê-lo de um excesso. Sabemos que a pulsão é um estímulo que surge do interior do psiquismo; sendo assim, não há como impedir que o aparelho psíquico seja inundado por grandes quantidades de estímulos. O princípio de prazer não é capaz, em alguns casos, de conter toda a energia que surge de dentro, principalmente quando ela se encontra desligada de representações. O problema que surge é o de dominar essas quantidades de estímulos que irrompem. Não estamos mais nos domínios de um recalco que, não podendo ser lembrado, impele à repetição, visto que esse material foi de alguma forma representado e, em certa medida subjugado ao recalco. Trata-se, então, de uma pulsão que se desvia dos caminhos descritos por Freud. Ela circula sem representação, num espaço pulsional, espaço de energia livre, pressionando por descarga, e não busca outra coisa, senão o caminho direto ao inanimado, para assim ser completamente satisfeita.

A satisfação não é aquela vinculada aos processos secundários, que trabalhando a serviço do princípio de realidade, evita o escoamento pulsional desordenado e preserva o *eu* de possíveis

abalos. Nem tampouco aquela conseguida de forma alucinatória, sob o trabalho do princípio de prazer, que tenta atingir um estado de energia constante. O que se apresenta agora é o princípio de prazer como uma tendência que “opera a serviço de uma função, cuja missão é libertar inteiramente o aparelho mental de excitações” (FREUD, 1920, p. 73), que poderia tornar mais difícil a tarefa de viver. É assim que a pulsão de morte, observada na compulsão à repetição, visa a um *além*. O seu trabalho não é manter constante o nível de excitação, mas deixar o organismo seguir um curso que está além do prazer e do desprazer, num movimento de retorno a um estado anterior à vida.

A pulsão de morte é apresentada como uma tendência primordial no aparelho, tendência essa que atua desligada e, em oposição ao princípio de prazer, busca restaurar um estado anterior de coisas impelindo o psiquismo a um retorno ao estado inorgânico. Trabalha em silêncio e, sem fazer ruídos, conduz o que é vivo ao encontro com a morte, lugar de aniquilamento total das excitações. Citando Schopenhauer, Freud diz que “a morte é o verdadeiro resultado e, até esse ponto, o propósito da vida” (FREUD, 1920, p. 60).

Em oposição está a pulsão de vida, uma “corporificação da vontade de viver”, agrupando as antigas pulsões sexuais, num movimento contrário à morte. Essas buscam ligar a energia dispersa e parecem ser as responsáveis pela perpétua tentativa de fazer a vida se renovar. Rompem a paz e produzem, constantemente, tensões cujo alívio é sentido como prazer. O aspecto econômico do aparelho é mantido, mas agora o princípio de prazer é substituído por um *mais-além*. Quer dizer, há algo para *além* dele que aponta para as conseqüências de se tentar manter o aparelho psíquico livre de estímulos.

Assim, temos, de um lado, as pulsões de morte que atuam desligando as representações, na tentativa de retornar a um estado livre de excitações, e, de outro, as pulsões de vida que tentam, exaustivamente, religar tornando mais difícil a tarefa de deixar de viver. Freud mantém a concepção dualista de antes, mas agora Eros (vida) e Tânatos (morte) se encontram lutando, um contra o outro, desde o início, podendo também se fundir. Na verdade, Freud (1923) esclarece que aquilo com que nos deparamos nunca são, por assim dizer, moções pulsionais puras, mas misturas de duas pulsões em proporções variadas. Segundo Laplanche e Pontalis (2001), “a ação da pulsão de morte poderia até ser percebida em estado puro quando tende a desfundir-se da pulsão de vida, como por exemplo, no caso do melancólico” (p. 410-411). É nesse sentido que Freud diz que a pulsão de morte se subtrai à percepção quando não é colorida de erotismo. De um lado e de outro o que aparece é o caráter de força constante, conservadora, que imprime um modo de funcionamento ao psiquismo, ainda que trabalhando para destinos diferentes.

Laplanche e Pontalis (2001) esclarecem que, enquanto no primeiro dualismo pulsional a pulsão sexual se contrapõe às pulsões de autoconservação, agora, com o segundo dualismo proposto por Freud, essas são assimiladas às pulsões de vida ou Eros. Torna-se, sob o nome de pulsão de vida, uma força que tende à ligação, à constituição e manutenção de unidades vitais e, em contrapartida, é sua antagonista, a pulsão de morte, que funciona segundo o princípio de descarga total. Todavia, esses autores nos lembram que os fatos mostram, mesmo em casos em que a tendência à destruição de outrem ou de si mesmo é mais manifesta, em que a fúria de destruição é mais cega, que pode estar sempre presente uma satisfação libidinal, satisfação sexual voltada para o objeto ou gozo narcísico. Dessa maneira, a pulsão sexual não se livra completamente do aspecto demoníaco e desligado da pulsão de morte. Tânatos -- pulsão de morte -- faz os seus

arranjos, visto que “é ela a expressão privilegiada do princípio mais radical do funcionamento psíquico e, por fim, liga indissolúvelmente, na medida em que é o que há de mais pulsional, qualquer desejo, agressivo ou sexual, ao desejo de morte” (LAPLANCHE e PONTALIS, 2001, p. 413). Há uma autonomia da pulsão de morte em se apropriar dos aspectos da pulsão sexual na tentativa de satisfazer-se a seu modo.

Sobre esse ponto é interessante observar as argumentações apresentadas em 1924, no artigo “O problema econômico do masoquismo”. Nesse texto Freud retoma as idéias apresentadas no *O ego e o id* (1923) em relação às duas classes de pulsões e ao trabalho de fusão e de des fusão pulsional. O masoquismo é apresentado como uma tendência primária da vida pulsional. Freud inverte as prioridades dos pares de opostos – sadismo e masoquismo – e estabelece uma relação entre eles indicando o masoquismo como primário, domínio da pulsão de morte. Segundo Freud, a libido teria a missão de diminuir os danos da pulsão destrutiva presente no psiquismo, desviando parte dessa pulsão para fora, “no sentido de objetos do mundo externo” (FREUD, 1924, p. 181). Uma parte dessa pulsão é colocada a serviço da pulsão sexual, e esse seria o sadismo propriamente dito. O que resta dessa “transposição” para fora permanece dentro do psiquismo. Freud se refere a essa transposição da pulsão de morte ligada a um objeto externo, através da libido, como um amansamento da pulsão de morte. É nesse sentido, que sustenta suas idéias a respeito da fusão das duas classes de pulsões, sem deixar de apontar as variações sofridas nesse trabalho. Cada classe entra com uma parcela que é sempre variada e desconhecida. Da mesma maneira que se fundem essas pulsões podem sofrer uma des fusão e, ainda, existe “uma parte das pulsões de morte que se recusam a estarem vinculadas a misturas de libido” (FREUD, 1923, p. 182).

Segundo Birman (1991) o ato originário de expulsão da pulsão de morte, que circula em estado livre, se realiza através de um Outro e tem a função de proteger o infante do estado de desamparo diante do poder destrutivo de Tânatos. Esse trabalho é realizado por Eros que tenta, exaustivamente, ligar a pulsão de morte protegendo o psiquismo dos seus excessos. Associada às pulsões de vida, parte dessa pulsionalidade mortífera pode sofrer a ação do recalque e, assim, se inserir num campo representacional. Entretanto, Freud nos alerta de que há sempre uma parcela da pulsão de morte que resiste a esse arranjo, e o que sobra desta operação de “transposição” permanece nos limites do representável. Entramos, então, no campo das forças pulsionais e no conflito travado a partir de intensidades.

### **1.6 – A intensidade pulsional e o campo das representações**

Regina Neri (2005) aponta que a partir dos textos apresentados na virada dos anos 1915–1920, Freud passa a privilegiar a força pulsional como relativamente autônoma diante do campo da representação. O funcionamento dessa pulsão que impele para um movimento repetitivo, seguindo um circuito pulsional que não cessa de se atualizar, está intimamente associado ao traumático. A compulsão à repetição como tentativa de ligar o excesso, ligação que é feita no ponto mesmo das intensidades, apontaria para o aspecto insistente da pulsão.

O campo pulsional seria traumático na medida em que a força pulsional não é assimilada no universo significante, irrompendo como um corpo estranho que não obedece ao princípio do prazer (NERI, 2005, p. 162).

A tentativa de inscrição da intensidade pulsional no campo simbólico revela, no ato mesmo de inscrever, o ponto de impossibilidade da empreitada. É essa intensidade não metabolizada e percebida nas rupturas, no silêncio e no pulsar rítmico que nos indica o *além*. Como advérbio: mais adiante, mais a frente; como substantivo: o que vem depois da morte, lugar distante, lugar fronteira a outro. Um *mais além* que aponta para a intensidade de um corpo pulsional, um vivo, um “corpo em transe [em passagem] entre vida e morte”. Um *mais além* que indica um corpo como esse lugar de batalha em que a pulsão de morte se apresenta, mais do que se representa.

No artigo de 1915, “Pulsões e destinos da pulsão”, Freud define a pulsão como:

Um conceito-limite entre o psíquico e o somático, como o representante psíquico dos estímulos que provêm do interior do corpo e alcançam a psique, como medida da exigência de trabalho imposta ao psíquico em consequência de sua relação com o corpo (FREUD, 1915, p. 148 LH).

Na tradução do texto freudiano, dirigida por Jayme Salomão, a definição de pulsão aparece como sendo “um conceito situado na fronteira entre o mental e o somático” (FREUD, 1915, p. 127). A idéia de um conceito limite, fronteiro, nos parece interessante por dois motivos. O primeiro, por corroborar com as argumentações apresentadas, na primeira parte deste capítulo, a respeito da especificidade do conceito psicanalítico e o ponto de paradoxo que o próprio conceito suporta. O segundo, por nos indicar que, como conceito fronteiro, margeamos por dois campos distintos e no limite extremo onde um toca o outro. Para alguns autores, não só o conceito é fronteiro, mas a própria pulsão está no limite entre dois campos heterogêneos: corpo e psíquico; vida e morte; teoria e clínica.

Ao definir os termos que deveriam caracterizar a pulsão, Freud apresentou a pressão (*Drang*) como “sua própria essência” (FREUD, 1915, p. 148 LH). Num primeiro momento de sua formulação, principalmente no texto de 1915, essa força está associada a uma intensidade disruptiva que impele à mudança. Um estímulo “continuamente a fluir” (FREUD, 1905, p. 172) que pressiona o psiquismo obrigando-o a se modificar. Com o texto de 1920 a pulsão de morte aparece como tendência à descarga total e, agindo silenciosamente, busca restaurar um estado de coisas anterior à vida. A delicada diferença, presente nessas duas formulações, indica um ponto de contato que nos possibilita ler a pulsão de morte como associada ao traumático, ao desconhecido que irrompe como um corpo estranho continuamente a fluir. A força da pulsão sexual que exige sempre um trabalho de ligação, agrupada agora sob o nome de Eros, não perde a sua potência. Por outro lado, esse aspecto de força incessante (*Drang*) é também o que caracteriza as pulsões de morte. Diante dessa configuração o conflito passa a ser entre essas duas classes pulsionais que fusionadas fornecem o desenho das configurações subjetivas e, diante de sua defusão, o colorido mais forte da pulsão de morte. Segundo Birman

A pulsão de morte opera em silêncio e não se restringe aos poderes da agressão destrutiva, ao contrário do que passou a ser considerado por parcelas significativas do pensamento psicanalítico pós-freudiano. Seu poder mortífero está representado por sua desintração de Eros e sua existência em estado livre (BIRMAN, 1991, p. 232).

A dimensão econômica do conflito – o aspecto tópico e dinâmico não estão fora de ação – revela um confronto de forças no regime das intensidades (BIRMAN, 1995, p. 41).

Não é somente esse termo – *Drang* – utilizado em conexão com o conceito de pulsão que permanece no novo cenário teórico. Freud não propõe novos termos no *Além do princípio do prazer*, nem ao menos no *O Ego e o id*. Pressão (*Drang*), meta (*Ziel*), objeto (*Objekt*) e fonte (*Quelle*) da pulsão, continuam mantendo sua força quando referidas ao campo pulsional. Por pressão (*Drang*) de uma pulsão “entendemos o seu fator motor, a soma da força e a medida de exigência de trabalho que ela representa” (FREUD, 1915, p. 148 LH). A meta (*Ziel*) é sempre a satisfação que só pode ser obtida quando o estado de estimulação na fonte pulsional é suprimido. Embora a meta de uma pulsão seja sempre a mesma, isto é, a satisfação, os caminhos que podem conduzir a essa meta são diversos. O objeto (*Objekt*) é aquele pelo qual a pulsão pode atingir a sua meta. Se os caminhos para isso são diversos, o objeto também não é único. Isso conduz à idéia da pulsão como uma força sempre em deslocamento, ainda que em algumas situações ela possa se fixar a um único objeto na tentativa de satisfazer-se. Por fim, a fonte da pulsão seria o “processo somático que ocorre em uma parte do corpo e do qual se origina um estímulo representado na vida psíquica pela pulsão” (FREUD, 1915, p. 149 LH). Esses elementos continuam fazendo parte da cena teórica a partir da introdução da pulsão de morte e mesmo que possamos pensar numa diferença em relação à meta – sempre a satisfação, ainda que por vias distintas – a pressão constante e a fonte parecem ser preservadas.

Diante das formulações a respeito da fonte da pulsão entramos num outro ponto importante. As relações definidas por Freud a respeito da pulsão e da representação se coadunam as argumentações sobre o aspecto fronteiro do conceito e o seu ponto limite – um limite do próprio conceito e um limite no campo da representação. O editor inglês do texto de 1915 esclarece, em nota, que nos textos citados, Freud não fazia uma distinção entre uma pulsão e seu representante. É isso que lhe permite definir a pulsão como “o representante psíquico dos

estímulos que provêm do interior do corpo e alcançam a psique” (FREUD, 1915, p. 148 LH). Antes disso, no livro *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905), Freud já havia descrito a pulsão como “o representante psíquico de uma fonte de estímulos endossomática, continuamente a fluir” (FREUD, 1905, p. 172). Essa definição se confunde com as que encontramos em textos como “O Inconsciente” (1915) e “O recalque” (1915), em que a pulsão não é considerada o representante psíquico de impulsos fluindo continuamente do corpo, mas como sendo essa força que pode ou não encontrar um representante. A radicalidade dessa argumentação ganha reforços a partir da noção de pulsão de morte e principalmente no livro *O Ego e o id* (1923). É nesse texto que encontramos uma indicação direta sobre esse ponto de não inscrição.

Não há dificuldade em encontrar um representante de Eros; mas temos de ficar gratos se pudermos achar um representante do evasivo instinto de morte no instinto de destruição, ao qual o ódio aponta o caminho (FREUD, 1923, p. 55).

Diante disso, é preciso estabelecer dois pontos importantes: o primeiro refere-se ao duplo aspecto da pulsão apresentado por Freud e, o segundo, às relações entre um trabalho *a mais* e esse caráter de irrepresentabilidade da pulsão de morte.

Segundo Regina Neri (2005) existe duas vias possíveis para pensar o conceito de pulsão de morte. A primeira de concebê-la como uma força disruptiva e constante que impele à mudança. A segunda via seria a de privilegiar o aspecto da pulsão de morte como essa tendência à descarga total, como retorno ao inanimado, na tentativa de preservar um estado anterior. Decidir por uma dessas vias, numa tentativa de superar a ambigüidade do conceito, seria abrir mão da

complexidade da definição da pulsão. O que essa autora nos revela, ao lado do texto freudiano, é que a pulsão de morte como retorno a um estado anterior à vida, regida por algo além do princípio do prazer, se contrapõe a uma tendência vitalista e a uma perspectiva evolucionista do homem. O que indicaria um aperfeiçoamento pulsional, um progresso, ou ainda a cura desse aspecto transbordante e disruptivo. Esse horizonte não estava presente nos escritos freudianos.

Ainda segundo essa autora, a pulsão de morte vem apontar que o sujeito não está mais garantido, ele é um advir incerto em estreita correlação com o jogo pulsional. Não há meios de fazer cessar essa força demoníaca e conservadora, que faz retornar sempre ao estado anterior, a menos que a fonte de onde ela brota seja extinguida<sup>18</sup>. Mantendo-se na proposta dualista Freud apresenta Eros como uma outra força que relativiza a pulsão de morte. Enquanto Eros busca a ligação a pulsão de morte viria como força contrária rompendo as ligações estabelecidas. Esse dualismo afirma a idéia da “pulsão como um campo de forças e não como conflito a ser superado” (NERI, 2005, p. 165).

A força pulsional, associada ao seu caráter de estranheza e à impossibilidade de traduzi-la por inteiro, marca o seu limite e a sua resistência. A pulsão de morte define um campo para *além* ao mesmo tempo em que avança por uma “via sem texto”, rumo “ao acontecimento real” (PONTALIS, 1990, p. 93-95). Como a autora do texto citado optamos por manter esses paradoxos e a tensão entre os campos para não perdemos de vista o que nos interessa aqui: o corpo como sùmula de intensidades, lugar em que a pulsão se apresenta mais do que se

---

<sup>18</sup> É preciso dizer aqui que apontamos desde já a relação entre a fonte da pulsão e o corpo, o que não é nenhuma novidade no campo teórico freudiano. Um corpo como lugar em que brota a pulsão, superfície na qual faz seus arranjos e, sem arranjos possíveis, se apresenta.

representa, que atravessa arranjos distintos, trilha uma espécie de “via-crúcis” que insiste e, ao mesmo tempo, resiste aos arranjos da tessitura significante e pede passagem.

Essa silenciosa exigência da pulsão de morte, no seu caráter conservador e disruptivo, aparece como uma outra língua<sup>19</sup> na clínica freudiana que se fundamentava no trabalho de interpretação das resistências a partir de suas relações com o recalçado. É a partir da escuta de uma resistência à terapêutica analítica e aos limites da interpretação que Freud avança rumo a esse *além*. Um além, como já apontamos, que nos indica a outra margem e um trabalho *a mais*. Segundo Birman (1991) diante desse aspecto resistente caberia realizar uma primeira inscrição dessa experiência.

Diante dessas marcas que se encontram nos limites do sentido e do representável, a estratégia do deciframento é considerada insuficiente para o trabalho analítico. Com isso a estratégia da construção se coloca como uma operação psicanalítica fundamental, complementar a anterior [visto que o recalque continua sendo um dos destinos da pulsão], mas de estrutura diversa (BIRMAN, 1991, p. 235).

“Construções em análise” é um texto de 1937 em que Freud apresenta as diferenças entre a construção e a interpretação e os seus efeitos no tratamento analítico. Seguindo os argumentos do autor, a interpretação aplica-se a algo que se faz a algum elemento isolado do material recalçado. A construção “colocaria perante o sujeito da análise um fragmento de sua história primitiva, que ele esqueceu (...)” (FREUD, 1937, p. 279). O esquecido nesse texto nos remete as argumentações a respeito do esquecido e do recalçado. Trata-se aqui do que descrevemos como o “familiar

---

<sup>19</sup> Essa expressão apareceu na primeira parte deste capítulo e será retomada no terceiro capítulo.

imemorial<sup>20</sup>, que sempre foi estranho, porque nunca foi esquecido” (PORTUGAL, 2006, p. 155). Um esquecimento sem memória que irrompe na narrativa através dos brancos, das rupturas e dos tropeços, de maneira repetitiva revelando o funcionamento das engrenagens subjetivas de um sujeito. A construção aparece como um trabalho diante do irrepresentável. “Um ato de criação que não conta com a possibilidade de rememoração por parte do analisando” (BIRMAN, 1991, p. 235). O efeito da construção, ao recuperar um elemento de “verdade histórica”, é aproximado dos efeitos do delírio. Freud apresenta a interpretação e a construção como movimentos do trabalho analítico executados lado-a-lado e, é somente pelos seus efeitos, que seria possível avaliar se a intervenção analítica configura-se como uma interpretação ou uma construção.

Do lado do analisando, o trabalho era da elaboração através da rememoração e da repetição. Diante dessa nova configuração e com os ruídos da impossibilidade de uma inscrição completa da pulsão de morte, o que levaria a uma extenuação desse campo de força e intensidade, que trabalho é exigido do sujeito que se coloca a falar? O próprio trabalho analítico no seu movimento de afrouxar certos arranjos, colocar em dúvida outros, estabelecer novas tessituras significantes e fazer escoar um excesso imaginário, acaba desembocando nesse irreduzível pulsional. Então, diante disso que resta da operação significativa qual é o trabalho?<sup>21</sup> Qual é a saída? E mais, quais as relações desse irreduzível pulsional, desse *além*, e o corpo?

---

<sup>20</sup> Expressão apresentada no livro de Ana Maria Portugal. Nesse livro a autora faz um longo trabalho a respeito do *Unheimliche* freudiano trabalhando na linha tênue entre o esquecimento que conserva e arquiva e o verdadeiro inesquecível. Ver: PORTUGAL, Ana Maria. *O vidro da palavra: o estranho, literatura e psicanálise*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006. p. 150-159.

<sup>21</sup> Em algumas receitas culinárias aprendemos que após colocar os ingredientes farináceos, os temperos e as ervas, incluímos o líquido. Em fogo brando deixamos que esse líquido seja reduzido. Essa estratégia serve para apurar o sabor dos ingredientes. Quando reduzimos o caldo, sobram as partes materiais que antes ficavam submersas. Curar um queijo, um vinho é apurar o seu sabor. Em se tratando dos queijos o que resta depois do líquido que volatiliza é justamente a parte material.

Deixemos essas questões em suspenso por mais um tempo para que possamos trabalhar as idéias a respeito da tradução do conceito de pulsão de morte. Esse ponto nos indicará os caminhos possíveis para traçarmos os argumentos a respeito das questões deixadas acima. Freud foi atormentado no seu trabalho com os ruídos da pulsão de morte e seguiu na construção do conceito realizando o que nomeamos como tradução. Diante do conceito de pulsão de morte – ruídos novamente – outros seguiram no trabalho de tradução desse conceito, mas parece que, em relação à pulsão de morte, há sempre alguma coisa que resta. É justamente esse ponto que passamos a trabalhar agora.

